

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

RELATÓRIO DE PROJETO EXPERIMENTAL

**Retalho de histórias – quem faz a feira de Embu das  
Artes**

**Mayara Abreu Mendes**

**RA: 11033886**

**Oitavo Termo**

**BAURU/SP**

**2015**

**Mayara Abreu Mendes**

**RELATÓRIO DE PROJETO EXPERIMENTAL**

Livro de Reportagem Fotográfica “Retalho de Histórias – Quem faz a Feira de Embu das Artes”

Relatório de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social, da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliza Bachega Casadei

Bauru, 2015

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente à minha mãe, que sempre fez o possível e o impossível por mim.

À minha família, meu irmão, meu padrasto e meus cachorros.

A meu namorado, Estevão Rinaldi Pereira.

A todos os meus amigos, os antigos e os que vieram com Bauru.

A meus professores, em especial à minha orientadora Eliza Bachega Casadei e aos que mais me ajudaram nos quatro anos e meio de graduação: Mayra Fernanda Ferreira e Angelo Sottovia Aranha.

À Unesp, meu grande sonho que se tornou uma das melhores realidades que vivi.

E a todos que fizeram parte, de uma forma ou de outra, deste projeto experimental.

## **Dedicatória**

À minha mãe, Viviane; a meu eterno melhor amigo, Caio; e a meu namorado, Estevão.

## **RESUMO**

Este projeto consiste na produção de um livro-reportagem de perfis e fotográfico sobre as pessoas que trabalham na feira de artesanato da cidade de Embu das Artes. As fontes, que são os próprios trabalhadores, contam suas histórias pessoais em relação a seus trabalhos e também à Feira. Utilizamos perfis jornalísticos voltados à vertente do Jornalismo Literário para retratar as histórias dos personagens. Também utilizamos a Fotografia em perfis fotográficos como meio de dar notabilidade e presença àqueles que foram transformados em histórias.

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução</b> .....	07
<b>2 Fundamentação Teórica</b> .....	08
<b>2.1 Fundamentação e justificativa do gênero e formato escolhido</b> .....	08
2.1.1 Livro-reportagem .....	08
2.1.2 Perfis .....	09
2.1.3 Perfil fotográfico .....	10
<b>2.2 Fundamentação teórica do produto; conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto</b> .....	12
<b>2.3 Fundamentação teórica das técnicas jornalísticas empregadas</b> .....	13
2.3.1 Entrevista .....	13
2.3.2 Jornalismo Literário .....	13
<b>3 Planejamento do produto jornalístico</b> .....	15
3.1 Público-alvo .....	15
3.2 Circulação .....	15
3.3 Custos de implantação .....	15
<b>4 Metodologia</b> .....	16
4.1 Descrição das atividades executadas .....	16
4.2 Descrição das técnicas empregadas .....	18
4.3 Descrição do produto final .....	19
<b>5 Considerações Finais</b> .....	20
<b>6 Referências Bibliográficas</b> .....	23
<b>7 Glossário, Apêndices e Anexos</b> .....	24
7.1 ANEXO A: citações no livro .....	24
7.2 APÊNDICE A: figuras no relatório .....	25

## 1 Introdução

A feira de artesanato da cidade de Embu das Artes é a maior do ramo no Brasil e na América Latina. Além de seu tamanho, a feira também é reconhecida pela variedade de produtos artísticos oferecidos. Fundada em 1969 principalmente pela grande latência de arte proveniente de artistas renomados do século XX que se mudaram para a cidade, a Feira tomou grandes proporções e é considerada uma manifestação artística e cultural até os dias de hoje. A Feira é montada a céu aberto no Centro Histórico de Embu das Artes em todos os finais de semana e feriados e, além de todos os produtos artísticos, quem a visita tem o privilégio de conhecer interessantes estruturas arquitetônicas nos prédios e nas ruas e vielas. Por ser um ambiente bastante turístico, o número de visitantes passa de 100 mil por mês.

Apesar do grande destaque nacional e internacional dado à Feira de Embu das Artes, os artistas que fazem os produtos comercializados ali não têm o reconhecimento que deveriam. A grande estrutura tem fama mundial, mas os artesãos ficam em segundo plano ou então nem recebem quaisquer menções. Por conta disso, fizemos um projeto para conclusão de curso a fim de relatar histórias daqueles que, muitas vezes, não são reconhecidos pelo seu trabalho. Em um livro-reportagem de perfis e ensaios fotográficos, contamos e mostramos a realidade de alguns dos trabalhadores da Feira, relatando suas histórias como pessoas e como profissionais e também como chegaram a artesãos com barracas próprias na Feira.

Por meio de perfis, o livro-reportagem traz as histórias de cada um dos personagens escolhidos da Feira, dando luz não só ao lado profissional, mas também a um olhar mais humanizado sobre a realidade dos trabalhadores da Feira para o público leitor. Os perfis são escritos com viés na vertente do Novo Jornalismo, pelo qual a descrição precisa e rica em detalhes e narrativa deve ter um toque de literatura, porém de não-ficção. Os perfis escritos com o tom do Jornalismo Literário fazem com que o leitor perceba significados pelas ações dos personagens, em sua própria realidade e, como escreveu Lima (2009) em suas “Páginas Ampliadas”, encontrem, a partir do particular, o todo.

A Fotografia é, também, um formato jornalístico usado para complementar e retratar ainda mais as histórias contadas com palavras nos perfis. Assim, os personagens ganham, além de espaço para expressividade, forma, cor e feição. De acordo com Barthes (1984) em “A Câmara Clara”, as fotografias podem ser

significantes quando é possível entendê-las culturalmente (*studium*), entendendo-as e sentindo o que expressam mesmo que inconscientemente (*punctum*). Barthes também diz que a função da foto é informar, representar, surpreender, fazer significar e dar vontade. Sendo assim, informamos o leitor da existência daqueles personagens e representamos toda a classe à qual eles pertencem de forma não generalizada; surpreendemos o leitor e o universo acadêmico com um tema pouco estudado e aprofundado; fazemos significar, para aqueles que tiverem a oportunidade de ter contato com as imagens, a importância de cada um dos personagens e como eles são ricos de características tão pessoais e não só de habilidades artísticas; damos a quem vê vontade de fazer parte daquilo, de querer conhecer cada um de nossos personagens.

O projeto tem como objetivo entender, justificar e mostrar a importância dos trabalhadores da feira de Embu das Artes para o evento e para a cidade. Além disso, buscou-se registrar as histórias dos trabalhadores da Feira garantindo a expressividade de uma amostra selecionada via texto e fotografia. No campo do jornalismo, pretendeu-se usar as técnicas de entrevista para a elaboração de perfis, colocar em prática os conhecimentos de Jornalismo Literário para a produção de um livro-reportagem, apreender a prática da fotografia com as técnicas aprendidas em sala de aula e colocar em prática os conhecimentos em diagramação ensinados, também, em aula. Por fim, espera-se que o produto venha a servir futuramente como base para outros trabalhos semelhantes em gênero, formato e temática.

## **2 Fundamentação Teórica**

### **2.1 Fundamentação e justificativa do gênero e formato escolhido**

#### **2.1.1 Livro-reportagem**

O projeto experimental resulta em um livro-reportagem perfil. De acordo com Lima (2009), esse formato evidencia o lado humano de uma personagem anônima que é interessante por algum motivo e, além disso, representa um grupo social, personificando sua realidade. Além, o livro-reportagem traz em si um pouco de retrato, uma vez que focaliza um setor da sociedade e um segmento de atividade econômica, prestando um serviço educativo e explicativo ao leitor acerca do funcionamento, problemas e complexidade desse setor.

Escolhemos um livro-reportagem como formato por nos dar a liberdade necessária para trabalhar com a técnica de linguagem escolhida – *New Journalism* – e com os formatos jornalísticos que usamos – perfis escritos e fotográficos. Com ele, conseguimos o aprofundamento necessário do tema e das histórias dos personagens, conforme diz Edvaldo Pereira Lima em “Páginas Ampliadas”:

A função particular do livro-reportagem é informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. (LIMA, 2009, p.39)

Lima (2009) também pontua características importantes do formato. Entre elas, a comunicação de conteúdos jornalísticos de qualidade é a principal. É de extrema necessidade, também, contar uma história de forma que dissemine conhecimento, exercendo exatamente a proposta deste projeto experimental. As histórias em si devem levar o caráter de reportagem com exatidão e precisão na representação e exemplificação de dados, porém de forma criativa – o que torna o trabalho ainda mais desafiador.

### **2.1.2 Perfis**

Por meio de perfis jornalísticos com o viés do Jornalismo Literário, retratamos fielmente a importância de cada um dos trabalhadores da Feira de Embu das Artes, levando o caráter humano daquele/daquela que está sendo retratado/retratada para o público leitor e para as próprias fontes, incluindo ele mesmo/ela mesma, além de tentarmos facilitar a compreensão dos personagens em questão sob diferentes óticas, além de suas funções sociais dentro da Feira. Para Medina (2002, p. 82), “a magia de qualquer história transposta para uma peça jornalística ressalta a emoção”. E como diz Sergio Vilas Boas em “Perfis E Como Escrevê-los”, os perfis vão além de uma narrativa, eles “cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias” (2003, p. 14).

Steve Weinberg os chama de biografia de curta duração (*short-term biography*); Oswaldo Coimbra, de 'reportagem narrativo-descritiva de pessoa'. Muniz Sodré & Maria Helena Ferrari acham que deve ser chamado de perfil o texto que enfoca o protagonista de uma história (a de sua própria vida), e de miniperfil o texto descritivo de uma personagem secundária inserido no momento em que ocorre uma interrupção ou um corte da narrativa principal. (BOAS, 2003. p. 14)

É com o que diz Oswaldo Coimbra que seguimos nossos perfis. “Os perfis também só podem elucidar, indagar, apreciar a vida num dado instante”, diz Villas Boas (2003, p. 20). E concordamos. Falamos, também, de passado, a fim de biografar um pouco a vida de nossos personagens, mas o destaque é para o que fazem neste momento, no agora, perpassando por tudo aquilo que fizeram para chegar lá. Queremos provocar “reflexões sobre aspectos objetivos e subjetivos comuns à existência de todos nós” (BOAS, 2003, p. 20), palpável a qualquer leitor e a qualquer trabalhador da Feira.

### **2.1.3 Perfil fotográfico**

A fotografia é usada no livro como reprodução de realidades vividas pelos personagens, levando ao leitor uma representação cerceada de significação e informação. De acordo com Barthes (1984, p. 13), “o que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. E, com isso, as fotografias que foram utilizadas para compor o livro passarão a todos que lerem e verem a mensagem que os personagens contavam num determinado momento de suas histórias. Como diz Dubois (1994, p. 25) em seu “O Ato Fotográfico”: “a foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra”.

As fotografias também nos atraem por serem marcas sensíveis, que movem os olhares e mexem com sentimentos, muitas vezes causados por um detalhe de imagem ou por uma imagem de detalhe. Boas (2003, 20-21), mesmo falando de perfis escritos, explica a ideia perfeitamente: “o retrato da pessoa precisa ser construído de modo que as questões interessem tanto ao leitor quanto ao próprio

personagem em foco”. O livro traz em si diversas fotografias em plano detalhe e também imagens mais macro, formando, passo a passo, uma descrição fotográfica completa.

Em um primeiro tempo, a Fotografia, para surpreender, fotografa o notável; mas logo, por uma inversão conhecida, ela decreta notável aquilo que ela fotografa. (BARTHES, 1984. p. 57)

Cada foto tem como funções informar algo, representar alguém, surpreender quem a vê, fazer significar a mensagem que passa e dar vontade de viver aquele momento registrado. Não necessariamente todas de uma vez, mas ao menos uma função deve ser cumprida, principalmente no âmbito do perfil fotográfico. Conforme consta em Lima (2009), a Revista Realidade, grande expoente dos ensaios fotográficos perfilados, usava em suas obras uma fórmula constante nos anos de existência do periódico. Sua base era a apresentação dos protagonistas, condensando e tendo seus mundos limitados. Os personagens principais recebiam foco por trazerem um mundo diferente ao leitor, fazendo-o achar desdobramentos detalhados e presentificados.

A fotografia deve ser silenciosa [...]. A subjetividade absoluta só é atingida em um estado de esforço do silêncio (fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio). A foto me toca se retirada de seu blabláblá costumeiro. (BARTHES, 1984. p. 84)

Os perfis fotográficos do livro trazem o banal, o que todo mundo vê, principalmente quando as imagens são do todo, mais amplas. Mas também trazem sua singularidade, um detalhe que cativa olhos atentos, que ajuda a contar uma história escrita em um perfil, mas que se reconta através de criação imagética via fotografias, e não só imaginária como no texto. Assim como nos tempos de Revista Realidade, o exercício de Comunicação não é só com palavras, mas sim com a delicadeza, detalhamento e profundidade da linguagem não-verbal. Traz, como diz Barthes (1984, p. 15), a verdade, pois “na Fotografia jamais posso negar que *a coisa esteve lá*”. E mais: “certamente, mais que qualquer outra arte, a Fotografia coloca uma presença imediata no mundo – uma co-presença”. Complementando Barthes,

Dubois (1994, p. 53) traz a Fotografia como uma referência irredutível: “a imagem foto torna-se inseparável de sua experiência referencial, do ato que a funda”.

Já que a Fotografia (este é seu noema) *autentifica* a existência de tal ser, quero encontrá-lo por inteiro, ou seja, em essência, “tal que em si mesmo”, para além de uma simples semelhança. (BARTHES, 1984. p. 159)

## **2.2 Fundamentação teórica do produto; conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto**

Os métodos científicos usados por nós para realizar o trabalho são o fenomenológico e o etnográfico. O fenomenológico explicita a base do livro, que é ouvir o que os trabalhadores da Feira de Embu das Artes têm para contar. Com esse método, é possível chegar a uma compreensão a partir do que as pessoas vivenciam. E o método etnográfico, embasado na Antropologia Social por Geertz (1973, p. 29), auxilia tal embasamento por levar o contato dos personagens, que são os objetos de estudo da pesquisa, a outro nível: o de proximidade, de acompanhar vivências. Isso pois, de acordo com o próprio Geertz, “o etnógrafo 'inscreve' o discurso social: ele o anota”.

O método de procedimento é o de pesquisa experimental. Foram seguidas as etapas: elaboração do problema, levantamento de hipóteses, variáveis, determinação do ambiente, determinação de sujeitos a serem entrevistados de acordo com uma amostra aleatória colhida em ambientes diferentes da Feira, realização de coletas de dados e a de análise e interpretação desses dados.

As técnicas de pesquisa utilizadas para a produção do livro de reportagem fotográfica foram as de entrevista, história de vida e documentação. As entrevistas – que tiveram perguntas-guia, mas foram também bem abertas a um diálogo – vêm para trazer a interação entre o repórter e os personagens do livro. Com elas, descobrimos opiniões, sentimentos e condutas dos entrevistados, além de características que formaram a parte descritiva dos perfis. As histórias de vida entram na caracterização das vidas pessoais de cada um dos perfilados em forma

de memoriais individuais, relatados da forma que se sentiam à vontade. A documentação, além de complementar ambas as técnicas, traz o registro e a sistematização dos dados que foram posteriormente analisados e, assim como as entrevistas, nos levam a um contato direto com os personagens.

## **2.3 Fundamentação teórica das técnicas jornalísticas empregadas**

### **2.3.1 Entrevista**

Para a realização dos perfis, utilizamos as técnicas de entrevista propostas por Cremilda de Araújo Medina em “Entrevista – O Diálogo Possível” (2002). Usando-se métodos baseados na interação social e na interpenetração informativa de forma a se realizar um diálogo e não um questionário, recolhemos informações dos trabalhadores da Feira de Embu das Artes para que, assim, o trabalho fosse embasado na experiência de cada um dos entrevistados. Ao fazer um perfil humanizado, segundo a autora, deve-se realizar uma “entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida” (MEDINA, 2002, p. 18).

Com as entrevistas, buscamos aprender com os personagens e apreender toda e qualquer informação para a realização de uma história humanizada. Por isso, apesar da existência de um formulário com questões-padrão aos entrevistados, estivemos dispostas a ouvir e compreender tudo que quisessem nos passar. É como diz Cremilda Medina:

O processo é de aprendizado educativo: eu, entrevistador, lanço esses desafios para que o outro se revele no plano mais imediato de minha pauta (matéria jornalística, presentificada) mas matizado, pelo estímulo à abertura, por claros-escuros de sua subjetividade. Que não estariam na pauta, mas a enriquecem. (MEDINA, 2002, p. 44-45)

### **2.3.2 Jornalismo Literário**

Cada um dos perfis foi escrito seguindo-se os parâmetros da Literatura de Não-Ficção – o Novo Jornalismo. O estilo jornalístico não tem exatamente um pai, mas muitos. Gay Talese, Jimmy Breslin, Tom Wolfe e, um pouco mais para frente, um de seus maiores nomes, Truman Capote. Todos faziam algo muito inovador para

aquele início dos anos de 1960, que era usar toda a descrição e efeitos sinestésicos de estruturas narrativas para contar uma história de alguém de verdade, não pertencente à imaginação, mas ao mundo real.

Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, dentro de um espaço relativamente curto... para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor. (WOLFE, 2005. p. 28)

Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 361) defende alguns fatores importantes para a realização de um livro-reportagem com tom de Jornalismo Literário. O autor traz a importância de ativar a imaginação do leitor e estimular um pensamento imagético: “onde há a pessoa humana, pode haver uma história maravilhosa a ser contada”. Como Edvaldo diz, não é apenas registro de fatos, é tornar perceptível aspectos pouco explorados e de rasa compreensão de um tema.

A ideia de usar do Jornalismo Literário para redigir o texto dos perfis deve-se à vontade de levar a ilusão, para o leitor, de que ele está enxergando tudo que está no papel como se ele estivesse presente, de fato, na cena e envolvido nela. É como diz Sergio Vilas Boas (2003, p. 12): “o perfil é um gênero jornalístico. Sem o Literário, no entanto, o perfil não hipnotiza”. O teor narrativo leva cada um que ler ao universo da Feira de Embu das Artes, podendo sentir os cheiros, ver cada esboço de sentimento dos personagens e ainda assim compreender cada uma das histórias com o caráter realístico e humanizado que cada uma delas trará.

O fato de os atos e as reações de uma personagem deixarem transparecer, ainda que de maneira fluida, as suas características, tem enorme importância na estruturação de um perfil. É a possibilidade de descrever uma pessoa contando o que ela faz e como faz, permitindo a incorporação num texto descritivo de trechos narrativos. (BOAS, 2003. p. 28)

A narração foi feita em terceira pessoa, de forma onisciente neutra plena, que, de acordo com os pressupostos de Alfredo Leme Coelho de Carvalho retratados por

Medina (2002), traz intimidade dos sentimentos dos personagens, mas narra a ação externa. E Edvaldo Pereira Lima (2009) retrata como é essencial o olhar único do autor para a narrativa, pois os textos narrativos são mais do que palavras – eles constroem imagens que marcam o leitor e os fazem imaginar novas maneiras de enxergar o mundo.

### **3 Planejamento do produto jornalístico**

#### **3.1 Público-alvo**

O público desse livro-reportagem pode ser bastante diverso. Por contar histórias de pessoas do cotidiano, qualquer interessado em relatos personificados pode se interessar pela obra. Por ter uma grande quantidade de fotografias, os amantes do formato encontrariam no livro variados estilos fotográficos que os motivariam a adquiri-lo. Aqueles que se interessam pelas artes encontrariam no livro dados de vários expoentes artísticos, não só nos textos como nas fotos. Dada essa variedade de assuntos, gêneros e formatos, não há uma especificidade de gêneros e a faixa etária seria a mais ampla possível, de jovens até pessoas na terceira idade.

#### **3.2 Circulação**

A circulação do livro seria, a princípio, regional, mas, por conta do interesse de público e da importância da Feira para a América Latina, seria facilmente expandida para o território nacional.

#### **3.3 Custos de implantação**

Sendo o livro extenso e com muitas fotos coloridas, o custo para produção de poucas unidades é alto. Entretanto, para a realização de grandes remessas, os custos acabam diminuindo.

Para a realização do livro, não foi gasto dinheiro algum com equipamento e com produção e elaboração do produto. Os únicos gastos financeiros foram com passagem de ônibus de Itapeçerica da Serra para o Embu das Artes e a volta. Isso equivale a cerca de seis reais por dia. E o custo para impressão em gráfica, cerca de 250 reais por livro.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Descrição das atividades realizadas**

#### **Viagens:**

Em todos os finais de semana de dezembro, foram realizadas viagens aos sábados e domingos pela manhã, de Itapeçerica da Serra a Embu das Artes, e viagens de volta no final da tarde e/ou começo de noite.

#### **Entrevistas:**

Apenas uma entrevista foi agendada por conta da falta de disponibilidade de horário no momento da abordagem do entrevistado. As outras oito entrevistas foram realizadas após a primeira abordagem, no mesmo dia, horário e local, sendo todas feitas no próprio ambiente da Feira de Embu das Artes. Os entrevistados continuavam trabalhando normalmente enquanto eram questionados sobre sua vida pessoal e profissional. Havia um roteiro prévio de perguntas que não chegou a ser usado. Afinal, as perguntas surgiam de acordo com o que o entrevistado/a entrevistada falava sobre suas origens e sobre sua vida, seguindo a proposta do diálogo de Cremilda Medina. As entrevistas foram gravadas com um gravador comum da marca Panasonic, de uso pessoal.

Foram entrevistados César Ribas, João Violeiro de Jesus, Cleide Lopes, Aparecido Gonzaga, Sueli Satiko Osaki, Cruz, Marcos Vinícius, Antônia Campos e Meire Lopes para a produção dos perfis humanizados sobre si mesmos e Gabriel Fidelis para a produção do perfil da Feira de Embu das Artes. Para o perfil dela também foram coletados dados de material de acervo do jornal Correio Embuense e de material disponível no *site* da Prefeitura de Embu das Artes.

**Fotografias:**

As fotos foram tiradas nos dias das entrevistas e nos finais de semana seguintes com uma câmera de entrada Nikon 5100 de lente 18-55mm de uso pessoal. Os entrevistados dos últimos dois finais de semana de dezembro tiveram menos tempo para fotografias e, por isso, mais fotos foram produzidas nos dias em que foram entrevistados. Dentre todas as imagens, duas eram padrão de todos os perfis: uma vertical posada de rosto e uma horizontal que pegasse toda a barraca dos artesãos. No caso do perfil da Feira, a foto vertical foi de um dos locais mais importantes e simbólicos dela, e a horizontal foi de uma das ruas com lojas e barracas. Todas as fotografias são autorais e tiradas *in loco*.

**Transcrição:**

Nenhuma entrevista foi transcrita após sua realização. Decidimos por reouvir cada um dos áudios com as conversas para a produção textual, já que não seriam inseridas falas dos entrevistados no texto.

**Diagramação:**

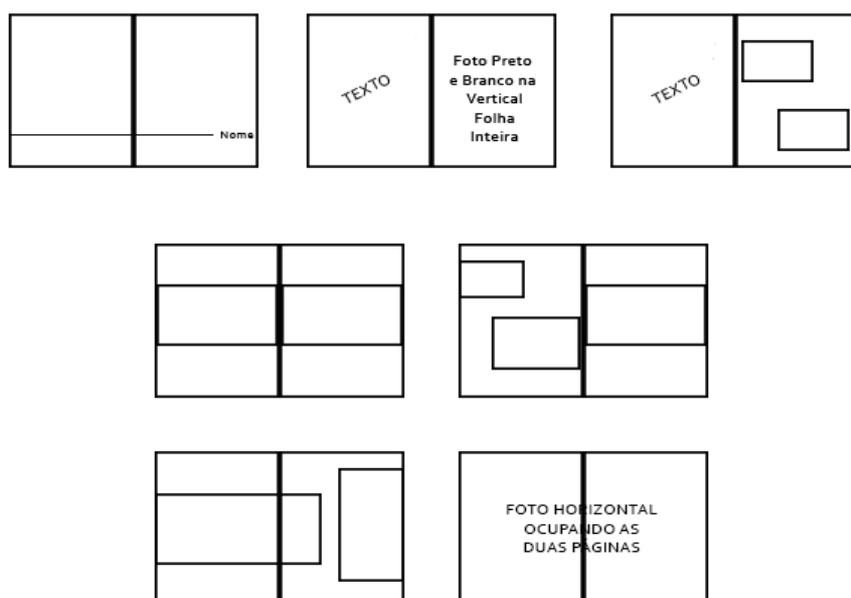
O projeto gráfico-editorial foi elaborado por nós, utilizando bastante a ideia de uso de branco para não cansar os olhos do público e facilitar a visualização das fotografias separadamente. A diagramação completa foi feita de modo autoral e utilizando o programa Adobe InDesign CC 2014.

Cada seção do livro tem uma palavra centralizada na página direita indicando que algo diferente do que já foi visto virá pela frente. Cada capítulo e sub-seção têm seu nome no canto inferior direito, entre a margem e o centro, com uma linha fina preta à esquerda do começo da nomenclatura na página direita até o final da página esquerda.

As páginas com texto foram diagramadas dentro de uma margem de 16mm de cada lado, com numeração no canto inferior externo de cada página e nome do livro alinhado a ela. O começo de cada novo capítulo ou sub-seção conta com um uso de branco superior nas primeiras páginas.

Cada capítulo do livro segue o mesmo modelo de diagramação proposto em um boneco (Figura 1) elaborado previamente, como consta abaixo:

Figura 1



Fonte: Mayara Abreu Mendes

A única exceção ao modelo é o perfil da Feira, que contém quatro páginas de texto escrito. Entretanto, ao final da quarta página, a diagramação segue os padrões propostos.

### Seleção de citações:

Em cada perfil, foram acrescentadas duas citações literárias produzidas por nós ou retiradas de alguma obra (música, poesia ou livro). As frases foram escolhidas de acordo com a temática do ensaio e do momento fotográfico selecionado nas páginas duplas. Ao final do livro e deste relatório, há uma lista anexa de créditos para cada uma das citações utilizadas com o número da página em que se encontram, os títulos das obras de que foram retiradas e os nomes dos respectivos autores.

## 4.2 Descrição das técnicas empregadas

Os dados contidos nos perfis foram coletados por meio de entrevistas feitas com os personagens do livro e gravadas com um gravador simples. Cada entrevista foi feita pessoalmente e no ambiente da Feira de Embu das Artes. A apuração de informações sobre a Feira foi feita via internet com o Diretor de Cultura de Embu das Artes Gabriel Fidelis (por e-mail e pelo aplicativo WhatsApp), pelo *site* da Prefeitura

de Embu das Artes e por meio do arquivo digital do jornal local “Correio Embuense”, do qual Gabriel é colunista. Houve a tentativa de um contato direto com o Centro de Apoio ao Expositor, porém, por problemas de agenda e falhas na comunicação via e-mail por alguns meses, não foi possível.

Para a produção de cada perfil, utilizamos a reprodução de áudio da entrevista feita com respectivo personagem e documentamos em texto o que consideramos relevante e importante para a produção do livro. Tais dados levantados em entrevista foram estudados e analisados a fundo, a fim de criar um perfil jornalístico com caráter humanizado e com elementos da Literatura de Não-Ficção. Todos os textos foram narrados em terceira pessoa com caráter de onisciência, deixando, como Edvaldo Pereira Lima (2009) propõe, que o “eu” do entrevistador interferisse no texto, mas de forma que o real-imaginário do entrevistado/da entrevistada fosse traduzido.

O trabalho de pesquisa foi complementado pelo uso de linguagem não-verbal por meio da reprodução fotográfica em forma de perfis fotográficos. As fotografias auxiliam os perfis escritos a contarem a história de cada um dos personagens, evidenciando, entretanto, a realidade, uma vez que as imagens provam a existência deles, de fato. As técnicas fotográficas utilizadas envolveram a utilização de imagens preto e branco, baseadas nas propostas de Barthes (1984, p. 122-123). Como ele afirma: “a certeza de que o corpo fotografado vem me tocar com seus próprios raios, e não com uma luz acrescentada depois”, deixando a essência de cada personagem falar. As fotos coloridas seguem o mesmo preceito: no caso delas, nenhuma imagem sofreu alteração alguma, seja de cor, iluminação, contraste, nitidez, saturação ou matiz. Algumas sofreram pequenos cortes, apenas para que coubessem no tamanho do livro, de forma a não atrapalhar a organização proposta no projeto inicial.

### **4.3 Descrição do produto final**

O livro-reportagem contém 181 páginas, divididas em três seções: Costura, Colcha e Pontos Finais. Os nomes das seções e de cada uma das partes que não envolvem perfilados são derivações de métodos e setores de costura que fazem alusão à formação de um retalho, como o nome do livro.

A seção Costura é o ponto inicial do livro, contendo a dedicatória – chamada de Fio de Ouro –, os agradecimentos (Meus Pequenos Tecidos) e a nota da autora,

que é Linha e Agulha. A seção Colcha é o livro em si, com seus dez capítulos. O primeiro perfil é o da Feira, que, além de detalhá-la, vem como uma espécie de introdução aos capítulos dos artesãos. Os nove personagens estão a seguir. Cada capítulo tem como nome o artefato artesanal produzido, seguido do nome de quem o faz, por exemplo Balas de coco do Cido. Por fim, a seção Pontos Finais traz as considerações finais (Fita Métrica), o anexo e as referências bibliográficas que, juntos, formam Máquinas.

Para as nomeações de seções, capítulos e demais sub-seções, foi usada a fonte OldNewspaperTypes em tamanhos 48 para as três seções e 36 para as outras. As sub-seções dedicatória e agradecimentos foram escritas em Corbel tamanho 20 em itálico e o restante do livro está na mesma fonte e tamanho em modo regular. Para as citações usadas nas reportagens fotográficas, fez-se uso da fonte Dosis em tamanho 22 para as citações e 16 para os créditos de autor. Todos os textos internos do livro estão em cor preta.

A capa é composta por uma foto sangrada para a contra-capas. Além disso, há também um retângulo preto com 89% de opacidade com o nome do livro e da autora em OldNewspaperTypes em cor branca e tamanhos variados (60 para o título e 30 para as demais informações). Na contra-capas, há um resumo do livro inserido em um retângulo com as mesmas propriedades do que está na capa. O texto está em OldNewspaperTypes, cor branca e tamanho 18.

## **5 Considerações Finais**

O projeto experimental “Retalho de histórias – quem faz a Feira de Embu das Artes” é um livro-reportagem de perfis e de reportagens fotográficas sobre os artesãos da Feira de Artesanato de Embu das Artes, a maior expoente do segmento no Brasil e na América Latina. Foram perfilados nove artesãos que aceitaram a proposta de contar suas histórias de vida pessoal e profissional e permitiram que fossem fotografados seus trabalhos e a si mesmos. Os textos de perfil, incluindo o perfil introdutório sobre a Feira, seguem o padrão humanizado proposto por Sergio Vilas Boas e permeados pelos ideais de Cremilda Medina para a realização de entrevistas em formas de diálogo, e pelas ideias de Edvaldo Pereira Lima relativas

ao Novo Jornalismo. Os ensaios fotográficos são bastante autorais, mas baseados nos ideais de Roland Barthes para o ato fotográfico e suas significações e implicações.

Com o livro, pretendia-se descobrir se uma visão prévia realmente se confirmaria, e comprovamos que sim: os artesãos da Feira de Embu das Artes não são valorizados, e, por consequência, seus trabalhos também não. O grande objetivo do livro era que cada um desses reais artesãos da Feirinha, que ainda sobrevivem pelas barracas de Embu das Artes, fosse retratado da forma mais humana e fiel às suas características pessoais e, ainda, destacar suas obras de arte, valorizando-as com palavras e imagens merecedoras e que tentassem chegar aos pés do árduo trabalho que reproduzem e simbolizam diariamente.

Os primeiros passos dentro da Feira ainda foram muito engessados, afinal o olhar ainda era o mesmo dos turistas. Mas, já na primeira entrevista, que foi com o chileno César Ribas, os olhares já se tornaram completamente diferentes. Com as histórias de vida de cada um dos personagens, a visão foi se tornando cada vez menos romântica e cada vez mais questionadora do porquê de tudo ser do jeito que é. Os maiores choques foram, claro, com a falta de investimento e estrutura para os artesãos que, obviamente, são quem sempre fizeram e continuarão fazendo a Feira ser o que é.

O acesso às fontes foi bastante simples. Apesar de não conhecer ninguém, o medo e a vergonha foram deixados de lado a fim de fazer o melhor trabalho que pudesse ser feito. A abordagem era sutil e delicada, apenas explicando a ideia do projeto, de onde ele vinha, para onde iria e a importância que isso teria para a vida deles próprios e a de todos os outros que se encontram na mesma situação. A aceitação foi mais fácil do que imaginávamos. No caminho, surgiu apenas uma artesã de vidros que disse não ter tempo e nem como parar de trabalhar para dar entrevistas e um casal de senhores vendedores de pimenta e outros doces que sempre estavam muito atarefados e mal tiveram tempo de negar a entrevista. Dos poucos não ficaram apenas a vontade de conseguir uma entrevista melhor e de procurar pessoas com coração aberto para falar.

As viagens nunca chegaram a ser um problema. É claro que, sabendo que Itapeverica da Serra e Embu das Artes são cidades vizinhas, esperava-se chegar ao destino em um tempo curto, mas com as dificuldades de um transporte público estadual ineficiente, o trânsito e a pequena quantidade de coletivos nos finais de

semana, o atraso prejudicou um pouco os trabalhos. A ansiedade parecia cada vez maior com a proximidade do veículo chacoalhante ao destino e a sensação de dever cumprido era o único sentimento que tomava conta na volta para casa, mesmo que o ônibus tivesse demorado mais de 50 minutos para passar.

A ideia de Cremilda Medina de tratar entrevistas como diálogos tornou-se lema do projeto como um todo, e talvez esse tenha sido um dos grandes ensinamentos que vieram de um livro que, no início do projeto, não fazia nem parte da bibliografia (o professor Juarez Xavier fez seu papel de influenciador e comunicador corretamente indicando-o). Todas as entrevistas foram conduzidas de forma leve e para que os entrevistados se sentissem confortáveis para contarem aquilo que bem entendessem sobre o que lhes era perguntado. Apenas dois dos nove optaram por não dar seus nomes completos: Cruz, o professor e vendedor de LPs que, mesmo em terceira pessoa, cita a si mesmo como tal, e Marcos Vinícius, que apenas comentou que gosta mais de Vinícius do que de Marcos, mas acabou não informando seu sobrenome. Todos não se importaram em falar suas idades, dos mais velhos aos mais novos, e nem de abrir sua vida pessoal nos quesitos familiar e amoroso. Eram tantas as informações bastante pessoais que saíam que a seleção do que registrar no livro foi dificultada, mas nunca impossível. Afinal, filtrar informações é quase uma obrigação do jornalista.

A seleção fotográfica foi difícil, porém, pelo excesso de opções. Foram tiradas muitas fotografias, principalmente dos últimos entrevistados, por medo de não ter material suficiente no final de tudo e de não haver tempo para voltar ao Embu das Artes para captar imagens que faltassem. O foco em plano detalhe foi opção da autora com aprovação da orientadora. Contar da parte para o todo em imagens constrói a caracterização do detalhe e da personalidade impressa e imposta nos pormenores. Muito do que foi feito em questões estilísticas deve-se a Roland Barthes, que iluminou os olhos da autora (também amante da fotografia) com suas ideias brilhantes, ganhando, definitivamente, o posto de maior contribuição acadêmica em forma de livro de todos os quase quatro anos e meio de graduação. A qualidade de impressão das fotos se dá pela qualidade da câmera fotográfica utilizada, que tornou o trabalho livre de qualquer possível edição de luz.

A opção por diagramação autoral e independente foi da autora, que preferiu não gastar dinheiro com isso por ter experiência com o programa InDesign e para ganhar um diferencial curricular para a posteridade não tão futura. A economia feita

aí implicou uma possibilidade de gastos maiores com, por exemplo, qualidade no papel de impressão e em cópias totalmente fiéis ao diagramado originalmente. Por mais que tenha sido difícil relembrar oficinas de 2012 e aprender com tutoriais na internet, o nível de habilidade no programa da Adobe subiu de básico para intermediário facilmente.

Os formatos escolhidos para o livro – perfis em New Journalism e em fotografias – são uma paixão criada em 2011, nas aulas de Língua Portuguesa I, quando a Revista Realidade foi apresentada à autora. O amor foi imediato e um trabalho no final de semestre não havia sido o suficiente para a produção e contato com as vertentes. Pela precária – em quantidade – produção atual nos formatos, o trabalho enriquece o Jornalismo com muitas páginas daquilo que era feito em revistas importantes do passado na área profissional. Por não ser o tipo mais convencional de livros-reportagem, procura-se, com ele, estimular outras produções, mesmo que experimentais, de produtos semelhantes.

Encarar um Word em branco pela primeira vez para a produção textual deste projeto parecia tangente ao tenebroso. Não saber por onde começar algo que vai ser simbolicamente eternizado foi, talvez, o motivo que tenha atrasado mais o processo criativo. Mas, uma vez que o áudio reverberou por fones nos ouvidos, todas as lembranças das histórias e entrevistas vieram à tona, junto das feições e expressões dos personagens e tudo ficou fácil, simples e rápido. Os dez capítulos somados às sub-seções foram escritos em menos de duas semanas e revisados num curto prazo também.

Além da felicidade de poder ter essa grande oportunidade de trabalhar com as formas de Jornalismo mais encantadoras aos olhos da autora, o maior ganho pessoal foi ter conhecido cada um dos entrevistados de uma forma que, às vezes, a gente não conhece, por exemplo, nem mesmo as pessoas que moram no mesmo prédio em que nós moramos. O Jornalismo tem dessas: faz a gente se apaixonar pelas histórias dos outros e querer contar cada uma delas com a mesma paixão que os atores das pequenas cenas que escrevemos contam. A grande lição que fica deste projeto experimental como um todo é que a gente nunca pode esquecer de se apaixonar por aquilo que faz, porque, se não tiver amor, não tem muito como ter outra coisa.

## 6 Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. A câmera clara. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOAS, Sergio Vilas. Perfis e como escrevê-los. São Paulo, São Paulo: Summus, 2003.
- DUBOIS, Philippe. Da Verossimilhança Ao Índice. In: \_\_\_\_\_. *O ato fotográfico*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994. p. 25-53.
- FIDELIS, Gabriel. Povo sem história e sem raiz, é como gado: você toca para onde quiser. *Jornal Correio Embuense*, Embu das Artes, fevereiro de 2015. p. 6.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p. 13-41.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, São Paulo: Manole, 2009.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. Entrevista: um diálogo possível. São Paulo, São Paulo: Editora Ática, 2002.
- PREFEITURA DE EMBU DAS ARTES. História da Cidade de Embu das Artes. Disponível em: <<http://www.embudasartes.tur.br/index.php?historia-1>>. Acesso em 22 out. 2014.
- WOLFE, Tom. Radical Chique e o Novo Jornalismo. São Paulo, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## **7 Glossário, Apêndices e Anexos**

### **7.1 ANEXO A: citações no livro**

p. 36: música “Metade”, de Oswaldo Montenegro

p. 53: poema “A mão”, de Carlos Drummond de Andrade

p. 54: música “Garaximbola”, de Roque Ferreira e Paulo César Pinheiro

p. 81: livro “Factótum”, de Charles Bukowski

p. 96: poema “Ao Braço Do Mesmo Menino Jesus Quando Apareceu”, de Gregório de Matos

p. 166: livro “What Is To Be Done?” de Léon Tolstói

### **7.2 APÊNDICE A: figuras no relatório**

Figura 1: boneco produzido por Mayara Abreu Mendes para explicitar o modelo utilizado para a produção dos capítulos do livro-reportagem